

**26° EDIÇÃO
MINIONU**



Comitê Internacional de Imprensa

CINI

**COMITÊ INTERNACIONAL DE
IMPrensa**

DIRETOR
MATHEUS CERQUEIRA

DIRETORAS ASSISTENTES
ANA CLARA NASCIMENTO
EMANUELLE BARROSO
HELENA REIS
INÊS CAMPOS
MARIA EDUARDA CARAVALHO
NATIELLE COSTA

**GUIA DE
ESTUDOS**

11 A 14 DE OUTUBRO DE 2025

GUIA DE ESTUDOS | COMITÊ INTERNACIONAL DE IMPRENSA

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DA EQUIPE	3
1.1 Diretor: Matheus Cerqueira	3
1.2 Diretora Assistente: Ana Clara	3
1.3 Diretora Assistente: Emanuelle Nathalia	3
1.4 Diretora Assistente: Helena Reis	4
1.5 Diretora Assistente: Inês Campos	4
1.6 Diretora Assistente: Maria Eduarda	5
1.7 Diretora Assistente: Natielle Costa	5
2 A DINÂMICA DE FUNCIONAMENTO DO COMITÊ	6
3 O PAPEL DO JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	7
3.1 A imprensa nas conferências internacionais	7
3.2 O jornalismo como meio entre a política internacional e a sociedade	7
3.3 A disseminação de notícias falsas e a necessidade de rigor	10
3.4 A importância da imprensa para a formação do senso crítico	11
4 A IMPRENSA NAS SIMULAÇÕES DA ONU	12
5 COMO PRODUZIR UMA NOTÍCIA IMPARCIAL E DE QUALIDADE?	12
5.1 A ética jornalística	13
5.2 Gêneros jornalísticos	14
5.2.1 <i>Notícia</i>	15
5.2.2 <i>Reportagem</i>	17
5.2.3 <i>Entrevista</i>	18
5.2.4 <i>Blog</i>	18
5.3 Estrutura de uma notícia	19
5.3.1 <i>Lide</i>	19
5.3.2 <i>Corpo</i>	19
6 O FOTOJORNALISMO	19
7 PRODUÇÕES MIDIÁTICAS DO CINI	21
7.1 Primal Times	21
7.2 O Café com Foca	22
7.3 O blog	23
7.4 O Instagram	23
7.5 A cobertura fotográfica	24
REFERÊNCIAS	25

1 APRESENTAÇÃO DA EQUIPE

1.1 Diretor: Matheus Cerqueira

Senhores e senhoras delegados(as), sejam muito bem-vindos(as) ao Comitê Internacional de Imprensa! Meu nome é Matheus Cerqueira, tenho 20 anos e sou o diretor do CINI no vigésimo sexto MINIONU. Atualmente, no primeiro semestre de 2025, estou cursando o 4.º período de Relações Internacionais no campus Coração Eucarístico.

Para me apresentar, é indispensável contar um pouco sobre minha relação com a comunicação. Trabalho como fotógrafo, cinegrafista e designer gráfico desde os 15 anos. No entanto, minha história com essa área começa bem antes: meu pai é cinegrafista há mais de 30 anos, então cresci nesse meio, aprendendo a lidar com câmeras e softwares de edição desde cedo.

No meu primeiro período na universidade, fui voluntário do CINI, enquanto no segundo, atuei como diretor assistente. Agora, no quarto período, tenho a honra de ser diretor. Desde que entrei na universidade, o CINI tem sido a minha casa, foi aqui que aprendi e pude colocar em prática muitas das minhas habilidades. Neste ano, espero sinceramente que o CINI seja tão valioso para vocês quanto tem sido para mim.

1.2 Diretora Assistente: Ana Clara do Nascimento

Meu nome é Ana Clara do Nascimento, faço Relações Internacionais e estou no oitavo período. Esta é minha segunda experiência no MINIONU, participei na edição do ano passado como voluntária no comitê COPUOS e, desta vez, estou participando no CINI, buscando novas experiências.

Minhas áreas de especialização dentro de relações internacionais são a política espacial, os estudos sobre o setor espacial, o desenvolvimento industrial de países emergentes, marketing internacional, design e jornalismo. Confesso que é um pouco diverso, mas tudo se encaixa no final.

1.3 Diretora Assistente: Emanuelle Nathalia Barroso

Meu nome é Emanuelle Nathalia, sou diretora assistente do CINI no MINIONU, tenho 19 anos, nascida e criada em Contagem–MG e, claro, sou estudante da graduação em Relações

Internacionais na PUC Minas. Garota transgênero formada em escola estadual, me interessei principalmente por pautas de direitos humanos e por aquelas que dão visibilidade a grupos em situação de vulnerabilidade social.

De modo geral, procuro sempre estabelecer relações agradáveis com as pessoas que interajo, priorizando nesse projeto desenvolver boas conexões com os integrantes da direção e delegados do nosso comitê, e os demais participantes. Assim, me disponibilizando proativamente para acolher, ajudar, ouvir e socializar.

1.3 Diretora Assistente: Helena Reis

Senhores delegados, bem-vindos ao CINI! Me chamo Helena Reis e ocupo o cargo de Diretora Assistente nesta edição. Sempre gostei de fotografia, comunicação, escrita e geopolítica, e participar do CINI me possibilita estar em contato com todas essas áreas. Estou no 5º período de Relações Internacionais na PUC Minas e esta é a terceira vez que participo do MINIONU. Em 2019, participei da 25ª edição do MINIONU como delegada (assim como vocês!) e me apaixonei por esse projeto e pelas Relações Internacionais. Em 2024, retornei ao projeto como voluntária e, hoje, como Diretora Assistente, com o objetivo de trazer um comitê lindo para vocês. Tenho muito carinho pelo CINI e por tudo que o MINIONU e as simulações me proporcionaram.

O Comitê de Imprensa, em toda simulação, é, na minha opinião, o mais completo e diversificado. Você, como jornalista, mesmo que por um dia, é levado a exercitar seu senso crítico, desafiar sua imparcialidade, formar opiniões e trabalhar sob pressão, para, no fim do dia, ver o resultado nas páginas que todos os seus colegas vão ler. E, ao final dessa experiência, entendemos melhor como as palavras moldam nossa realidade e o poder da comunicação na formação da nossa visão de mundo. Não vejo a hora de conhecer vocês e espero que, ao final deste MINIONU, possam se orgulhar de cada palavra que redigirem!

1.4 Diretora Assistente: Inês Campos

Prezados delegados e delegadas, sejam muito bem-vindos ao CINI – o Comitê Internacional de Imprensa! Meu nome é Inês Campos, sou estudante do 5.º período de Relações Internacionais e, nesta 26ª edição do MINIONU, tenho a honra de atuar como Diretora Assistente do CINI.

Minha trajetória no MINIONU começou em 2024, durante a edição comemorativa de 25 anos, quando fui voluntária na simulação da OMS (Organização Mundial da Saúde). Desde então, me encantei com o projeto e com o impacto que ele tem na formação acadêmica e pessoal dos participantes. Foi uma experiência transformadora, e é por isso que, neste ano, decidi voltar, agora como parte da diretoria do CINI, com o objetivo de desenvolver um comitê muito especial para vocês!

Nos últimos tempos, criei um grande interesse por temas como comunicação, jornalismo e fotografia, e que lugar melhor para desenvolver essas habilidades do que o CINI? Tenho certeza de que será uma experiência inesquecível, repleta de aprendizados e desafios, que trará conhecimentos para todos nós. Estou ansiosa pelos dias de MINIONU e não vejo a hora de conhecer cada um de vocês! Nos vemos em breve.

1.6 Diretora Assistente: Maria Eduarda Carvalho

Queridos delegados(as), sejam muito bem-vindos ao Comitê Internacional de Imprensa! Me chamo Maria Eduarda Carvalho, estou atualmente no segundo período do curso de Relações Internacionais e tenho o prazer de atuar como Diretora Assistente nesta nova edição do MINIONU. Sempre fui apaixonada por comunicação e mídias, e foi justamente esse interesse que me levou a conhecer o projeto no ano passado, quando tive a oportunidade de participar como voluntária neste mesmo comitê. A experiência que tive foi não só enriquecedora, como também decisiva para o meu envolvimento ainda mais profundo com o evento. Só quem vive a experiência do MINIONU sabe como é um momento marcante, cheio de aprendizado e transformações. Estou muito animada para acompanhar cada um de vocês nessa trajetória e para trabalharmos todos juntos. Espero que tenham uma excelente experiência, contem comigo no que precisarem!

1.7 Diretora Assistente: Natielle Costa

Caros delegados e delegadas, sejam muito bem-vindos ao Comitê Internacional de Imprensa. Meu nome é Natielle, tenho 19 anos e, atualmente, estou no 2º período do curso de Relações Internacionais na PUC Minas, campus Coração Eucarístico.

Minha trajetória no MINIONU começou logo no meu primeiro período da faculdade, quando fui voluntária do CINI no MINIONU 25 Anos. Foi uma experiência tão marcante e enriquecedora que não hesitei em voltar neste ano como Diretora Assistente. Desde então, meu

interesse pela comunicação dentro das Relações Internacionais só cresceu, especialmente pelo jornalismo internacional.

Estou empolgada para poder conhecê-los e desenvolver nossas habilidades juntos. Contem comigo para ajudar no que for preciso, e até lá!

2 A DINÂMICA DE FUNCIONAMENTO DO COMITÊ

Para elucidar as dúvidas relacionadas à dinâmica de funcionamento do CINI durante os dias de simulação, esta seção terá caráter descritivo e prescritivo das ações dos delegados do CINI durante os dias de simulação.

Antes de tudo, é necessário esclarecer a função de cada um dos membros do comitê, para que, ao longo do guia, suas funções sejam claras. O primeiro cargo a ser definido é o de diretor, que tem o papel de coordenar e tomar todas as decisões relacionadas ao CINI. O diretor irá distribuir funções, corrigir o guia de estudo, que você está lendo neste momento, escrever os editoriais e vistoriar o andamento de todo o comitê.

Posteriormente, os diretores assistentes integram a equipe. Eles têm a função de executar as diversas funções definidas pelo diretor, entre elas estão: correção de notícia, elaboração de posts para o blog, gravação do *podcast* “café com foca”, fotografar eventos e muitas outras atividades delegadas pelo diretor.

Os últimos, mas não menos importantes, a integrarem a equipe do comitê são os voluntários. Eles terão o contato mais direto com os delegados, os acompanhando durante o evento, dando dicas, guiando a elaboração das notícias e as corrigindo. Além disso, os voluntários também exercerão, em paralelo, as funções que o diretor da imprensa definir para elas.

Após a equipe organizadora estar completa, é a vez de vocês, delegados do CINI, integrarem o corpo de imprensa do MINIONU. A função dos delegados é uma das mais importantes para o bom andamento do comitê, vocês irão escrever as notícias que farão parte do jornal do MINIONU o Primal Times. Tais membros não irão participar da criação de outros conteúdos, como registros fotográficos, *reels* ou entrevistas, sendo papel exclusivo dos delegados a escrita de notícias.

Agora, com os papéis de cada cargo entendidos, podemos tratar de forma direta os futuros acontecimentos do evento. Entre os dias 11 e 14 de outubro, ocorrerá a vigésima sexta edição do MINIONU, onde mais de 900 estudantes de todo o Brasil se reunirão na PUC Minas

para debater os mais diversos temas. Então, todos os alunos se dividirão em diversos comitês com suas respectivas temáticas, e em cada um deles, uma dupla de delegados do CINI será alocada. Esta dupla terá o papel de, durante os debates, assistir de forma atenta e crítica e tomar notas de toda informação relevante para o andamento do comitê.

Posteriormente, ao final de cada um dos dias de simulação, os delegados do CINI serão levados para uma sala, onde irão redigir a notícia para o jornal do comitê de imprensa, o Primal Times. Após a escrita de todas as notícias pelos delegados, os diretores entram em ação, corrigindo todas as notícias, para que, na manhã do próximo dia, o jornal completo já esteja pronto e diagramado.

3 O PAPEL DO JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

O jornalismo e os meios de comunicação são produtores e, ao mesmo tempo, reflexos de visões de mundo que coexistem na sociedade. A forma como a sociedade vê o mundo atravessa os principais discursos realizados, e são expressos não apenas por meio da linguagem escrita, como também pelas imagens veiculadas. O discurso é a materialização das formações ideológicas, sendo, por isso, determinado por elas (Bueno, 2002, p. 37).

Desta forma, a comunicação constrói a realidade, evidenciando que a construção da realidade não é neutra. Com isso, a imagem que temos do mundo é formada também a partir do que aprendemos, do que ouvimos e vemos, em filmes, televisão, jornais etc. Sendo assim, a mídia e o jornalismo são partes importantes na distribuição de informações e formação ou desconstrução das imagens construídas (Charaudeau, 2006).

Logo, os meios de comunicação só existem porque fazem parte da vida em sociedade. Tudo o que eles causam ou influenciam só tem efeito nas pessoas que vivem nesse mesmo ambiente social. O desenvolvimento do jornalismo e dos meios de comunicação ocorreu em sintonia com as principais transformações da sociedade, como a industrialização, as mudanças nas cidades e no trabalho, a valorização da racionalidade e a crescente influência do capital na cultura (Assunção, 2007). Por isso, os meios de comunicação não surgiram de forma isolada. Eles fazem parte de um processo em constante transformação, que também ajudou a mudar a maneira como as pessoas participam do espaço público.

3.1 O jornalismo como meio entre a política internacional e a sociedade

Não há dúvida de que a imprensa é um poderoso instrumento de manipulação e persuasão, capaz de formar opiniões, hábitos e comportamentos. De acordo com Amaral (2011), a opinião pública deveria representar o pensamento de toda uma população, mas, na prática, ela é segmentada [...] formada por pequenos grupos que expressam suas ideias de alguma forma (Amaral, 2011). Em consonância com esse argumento, o autor cita que: “as noções correntes de opinião pública e representação são incompatíveis com a convergência de um sistema de comunicação de massas unilateral, sob o prisma ideológico, e monopolizado”. Considerando essas afirmações no âmbito internacional, qual seria o papel do jornalismo na intermediação entre a política externa e a sociedade?

A relação entre a sociedade civil e a política externa é amplamente mediada pelo jornalismo, que atua como canal de circulação de informações e formação da opinião pública. Segundo Amaral (2011), o jornalismo internacional passou a exercer papel decisivo no cenário global ao tornar acessíveis e compreensíveis questões que ultrapassam as fronteiras nacionais. A mídia, nesse contexto, ajuda a construir a percepção pública sobre temas de política externa e influencia os próprios governos na formulação e legitimação de suas agendas, por meio do chamado “*agenda-setting*”, que determina quais temas serão debatidos na esfera pública.

Ives (2024) expõe que a imprensa não apenas difunde informações, mas também disputa narrativas e exerce papel ideológico. Através da cobertura jornalística, a sociedade tem acesso às decisões e posicionamentos do país no cenário internacional, ainda que esse acesso possa ser filtrado por interesses econômicos e ideológicos da própria mídia. Assim, o jornalismo não apenas informa, mas também molda as possibilidades de ação da política externa, sendo, ao mesmo tempo, reflexo e agente ativo das disputas por hegemonia dentro e fora do Estado.

3.2 A imprensa nas conferências internacionais

O jornalismo livre, independente e comprometido com o interesse público constitui um valor fundamental promovido pela UNESCO, que reconhece a mídia como um “bem público” essencial ao pleno exercício da democracia e ao avanço dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Em sua análise de 2021/2022, intitulada “*World Trends in Freedom of Expression and Media Development*”, a organização alerta que aproximadamente de 85% da população mundial vive em países onde a liberdade de imprensa se deteriorou nos últimos cinco anos. O relatório destaca preocupações como o aumento de legislações restritivas, a escalada da violência contra jornalistas e a fragilização dos modelos tradicionais de financiamento da mídia.

No âmbito das Nações Unidas, resoluções como a A/RES/68/163 (2013, tradução nossa) reforçam que “o acesso à informação e a liberdade de expressão são condições prévias para o desenvolvimento, a paz e a democracia”.¹ Nesse sentido, a ONU encoraja os Estados a protegerem os meios de comunicação independentes e a assegurarem a integridade e a segurança dos profissionais da imprensa.

Diante do crescimento de regimes autoritários e da disseminação de desinformação, a presença da imprensa em conferências internacionais, como encontros da ONU, cúpulas do G20 e as Conferências das Partes sobre Clima (COPs), assume papel estratégico. O jornalismo, nesses contextos, vai além da mera cobertura factual das declarações diplomáticas e das negociações, contribuindo para a transparência e a responsabilização pública (*accountability*) ao contrastar os discursos oficiais com os bastidores das decisões tomadas a portas fechadas. Além disso, exerce uma função educacional e cultural, ao traduzir e contextualizar os debates políticos e científicos, tornando-os acessíveis ao público global.

Para além da resistência ao autoritarismo, esses eventos se consolidam como verdadeiras “esferas públicas globais”, termo cunhado por Manuel Castells (2009, tradução nossa), “onde se articulam e disputam narrativas entre nações e culturas distintas”². Nesse cenário, conforme argumenta Michael Schudson (2003, tradução nossa) “A imprensa, ao facilitar esse diálogo, assume um papel de educação cívica global, possibilitando uma cidadania informada e participativa em escala planetária”.³

Assim, as funções centrais do jornalismo em conferências internacionais incluem: a cobertura informativa de conferências, debates e acordos oficiais; a mediação entre especialistas, diplomatas e o público externo, promovendo síntese e clareza; o combate à desinformação, por meio da verificação de discursos institucionais e da apresentação de perspectivas diversas; a ampliação do debate público, assegurando espaço para a sociedade civil e grupos historicamente marginalizados; e a revelação crítica das políticas efetivamente sustentadas por regimes autoritários. Dessa maneira, isso reforça que a imprensa, especialmente em foros multilaterais, é um instrumento de democracia global, capaz de aproximar cidadãos, Estados e instituições em torno de valores compartilhados.

¹ Access to information and freedom of expression are preconditions for development, peace and democracy.

² where narratives of different nations and cultures are negotiated.

³ The press, by facilitating this dialogue, assumes a role of global civic education, making informed and participatory citizenship possible on a planetary scale.

3.3 A disseminação de notícias falsas e a necessidade de rigor

Nos últimos anos, sociedades democráticas em todo o mundo têm enfrentado a influência crescente da desinformação, um agente na comunicação que pode influenciar, com êxito ou não, a opinião pública em debates políticos, eleições, referendos e crises nacionais. Na história, notícias falsas, boatos e narrativas baseadas em mentiras não são novidades, sendo encontradas em diversas épocas na Europa Ocidental. Conforme exemplifica Aggio et al. (2022, p. 9), isso dataria ainda do século VI, quando o historiador bizantino Procópio escreveu o livro *História Secreta*, repleto de histórias de veracidade duvidosa, com o objetivo de arruinar a reputação do imperador Justiniano. Durante os séculos XVII e XIX, circulavam os canards nas ruas de Paris, gazetas cheias de boatos e falsas notícias, como cita Darnton (2017).

Apesar do histórico de falsas notícias, é preciso reconhecer as especificidades do cenário atual, principalmente com o advento da internet e das redes sociais. Para Coutinho e Júnior (2023), as mídias sociais impactaram a forma como as notícias passaram a ser produzidas, potencializando a velocidade de circulação de notícias falsas. A disseminação das *fake news*, além de causar sérios prejuízos na vida pessoal dos indivíduos, também afeta a esfera pública, agravando impactos políticos e sociais.

De acordo com Araújo, Bueno e Souza (2019), o termo “*fake news*” ganhou notoriedade particularmente no cenário político, com a propagação deliberada de falsas notícias, criadas por pessoas e organizações com o intuito de beneficiar determinados candidatos e visões políticas através da difamação de seus adversários. Conforme apresenta Cruz (2024), os impactos das notícias falsas são multifacetados e preocupantes, pois, podem afetar a integridade do processo eleitoral, diminuindo a confiança nas instituições democráticas, polarizando sociedades e fomentando a desconfiança nos veículos de comunicação. Cruz (2024) cita alguns sinais de notícias falsas, como: tendência ao sensacionalismo e/ou teor conspiratório; conteúdo sem embasamento sólido e com fraca estrutura argumentativa; ausência de dados que conferem veracidade como data, fonte e autoria; uso indevido de nomes de pessoas, órgãos e instituições.

As eleições nos Estados Unidos (2016 e 2024) e no Brasil (2018 e 2022) demonstraram como as *fakes news* podem impactar significativamente as decisões dos eleitores. Em uma pesquisa realizada pelo DataSenado em 2024, 81% dos brasileiros afirmaram acreditar que as *fakes news* podem influenciar de forma significativa os resultados das eleições. Esse dado destaca a importância de adotar medidas mais rigorosas para garantir que as eleições ocorram de maneira justa.

Desta forma, vocês como delegados que simularão o papel de jornalistas internacionais devem se atentar fortemente à veracidade das informações apresentadas em suas notícias. Durante a fase de acompanhamento das simulações é necessário a maior atenção possível nos debates para que em suas notas não sejam enviesadas ou que contenham furos de informações, pois, elas servirão de base para a escrita de sua notícia. Para mitigar a disseminação de notícias falsas, é essencial adotar práticas rigorosas de apuração, como checagem de discursos, perguntando, durante consultas informais, se aquele discurso foi realmente dito por aquela delegação e trabalhando com sua dupla na escrita das notas para que se possa comparar ambas as versões. Além disso, a ética jornalística, discutida na Seção 5.1, serve como um guia fundamental nesse processo, reforçando princípios como imparcialidade, responsabilidade social e compromisso com a verdade. Seguir esses valores ajuda a identificar e combater desinformação, garantindo que suas reportagens sejam precisas e confiáveis.

Lembre-se: no exercício da simulação, assim como no jornalismo real, a credibilidade é seu maior patrimônio. Portanto, antes de redigir uma matéria, reflita: "Essa informação foi verificada? A informação passou pelos processos de mitigação de *fake news*? Estou sendo justo e transparente em minha abordagem?". Dessa forma, vocês não apenas cumprirão seu papel como delegados da imprensa com excelência, mas também contribuirão para um debate mais ético e informado durante a simulação.

3.4 A importância da imprensa para a formação do senso crítico

Diante das situações citadas no tópico 2.3, torna-se evidente a necessidade de rigor na produção das notícias e o papel essencial da imprensa na formação do senso crítico da sociedade. A imprensa tem uma função decisiva nesse processo, especialmente quando utilizada de maneira educativa e reflexiva.

Segundo Pereira (2000), a leitura crítica da mídia é uma forma de exercício da cidadania. Isso significa formar leitores conscientes, capazes de compreender o funcionamento da sociedade e de questionar as mensagens que recebem. Trata-se de uma prática política, que permite ao indivíduo resistir às manipulações da indústria cultural e agir de forma ativa e crítica no processo comunicativo. Assim, o jornalismo, e a própria imprensa, não devem ser vistos apenas como fontes de informação, mas também como instrumentos de estudo, reflexão e debate.

4 A IMPRENSA NAS SIMULAÇÕES DA ONU

Em simulações da ONU, a imprensa desempenha um papel fundamental na construção de uma experiência mais realista e dinâmica. Sua função principal é informar, registrar e conectar os comitês, transformando os acontecimentos da simulação em notícias e reportagens que impactam diretamente o rumo das discussões. Por meio de coberturas jornalísticas, os delegados da imprensa não apenas documentam os eventos, mas também influenciam a narrativa da simulação, exigindo senso crítico, capacidade de síntese e agilidade para priorizar as informações mais relevantes. Assim, mesmo sem seguir o formato tradicional de um comitê diplomático, a imprensa é essencial para enriquecer a imersão de todos os participantes.

Dentro desse contexto, o Comitê Internacional de Imprensa assume um papel central, especialmente no MINIONU. Seus membros organizadores atuam em diversas frentes, como a produção de matérias escritas, fotografias, edição do Primal Times e gravação do Primal TV. Essa ampla cobertura somente se torna viável graças ao esforço colaborativo entre os delegados, voluntários, diretores assistentes e o diretor. É por meio dessa cooperação que se torna possível organizar e publicar quatro edições do jornal ao longo do evento, desde a cerimônia de abertura até a votação das resoluções finais. Para cumprir essa missão, o CINI conta com uma equipe multifuncional, composta por redatores, editores, fotógrafos, designers e comunicadores, todos preparados para trabalhar sob pressão e garantir a qualidade da divulgação.

Além disso, o CINI se destaca por ser um comitê híbrido, que contém elementos de externo, mas com a participação de delegados, e atuando não apenas durante a simulação, mas também em sua preparação. Suas responsabilidades incluem a produção de conteúdo prévio, como posts para o blog, podcasts, vídeos e fotos oficiais, que divulgam o evento ao longo do ano. Essa atuação contínua diferencia o CINI dos demais comitês, assim como sua composição: ao contrário de outros grupos, como o de logística, ele conta com a participação direta dos delegados. Com um foco na intersecção entre Relações Internacionais e Jornalismo, o comitê busca desenvolver habilidades como escrita e pensamento crítico, contribuindo para a formação integral de seus delegados.

5 COMO PRODUZIR UMA NOTÍCIA IMPARCIAL E DE QUALIDADE?

As noções de neutralidade e imparcialidade tem sido amplamente questionada no âmbito jornalístico. Uma vez que a produção da notícia envolve escolhas subjetivas inevitáveis, é fundamental reconhecer que a imparcialidade absoluta é inatingível. Sendo assim, como

discutido por estudiosos do *newsmaking*, o jornalismo não reflete a realidade de forma neutra, mas a constrói a partir de critérios influenciados pela desigualdade de poder e visibilidade existentes na sociedade (Miguel e Biroli, 2010). Assim, percebe-se que a neutralidade absoluta é uma impossibilidade prática, já que o próprio ato de narrar os fatos implicam em uma interpretação baseada no contexto do jornalista e nas estruturas em que ele atua.

No entanto, a imparcialidade é um princípio distinto e indispensável para a ética jornalística. Enquanto a neutralidade pressupõe a ausência de qualquer perspectiva, a imparcialidade assegura um tratamento equilibrado aos diferentes vieses em disputa. Nesse sentido, mesmo no chamado “espaço da controvérsia legítima”, o jornalismo deve garantir que os atores sociais sejam ouvidos (Miguel e Biroli, 2010). Essa abordagem exige que o jornalista haja como mediador, evitando distorções intencionais e permitindo que o público avalie os fatos com base em diversas informações.

Em vista disso, a defesa da imparcialidade não ignora a influência de perspectivas sociais, mas reconhece a necessidade da transparência de mecanismos que preservem a ética jornalística. O jornalismo tem o dever de promover esse equilíbrio, adotando a imparcialidade como critério, conciliando sua natureza interpretativa com o compromisso de servir ao interesse público. Assim, isso garante que os conflitos e as divergências sejam representados de forma justa e responsável para a sociedade (Guerra, 2002).

5.1 A ética jornalística

A ética jornalística é fundamental para a prática da comunicação e cabe aos jornalistas seguir os princípios definidos pelo Código de Ética. Tais normas possibilitam a garantia de uma prática responsável, evitando a disseminação de notícias falsas, sensacionalistas ou que desrespeitem os direitos fundamentais.

Art. 13 – O jornalista deve evitar a divulgação dos fatos: – Com interesse de favorecimento pessoal ou vantagens econômicas; – De caráter mórbido e contrários aos valores humanos. Art. 14 - O jornalista deve: – Ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, todas as pessoas objeto de acusações não comprovadas, feitas por terceiros e não suficientemente demonstradas ou verificadas; – Tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgaram (ABI, 2025).

Segundo o Código de Ética da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), o compromisso primordial do jornalista é com a veracidade dos fatos. Tal comprometimento exige uma apuração precisa e uma divulgação fiel das informações. Ademais, é dever do jornalista

combater a censura, respeitar o direito à privacidade e à dignidade humana, promovendo a diversidade de opiniões e assegurando que diferentes vozes sejam ouvidas e representadas.

Sendo assim, tais preceitos mostram que o jornalismo vai além da divulgação de informações. Ele desempenha um papel fundamental na construção do pensamento crítico e na defesa da democracia, por atuar na mediação entre os fatos e o público, com responsabilidade e compromisso ético. No MINIONU, os delegados do CINI devem assumir o compromisso de aplicar os princípios instaurados pelo Art. 9º do Código de Ética do Jornalista Brasileiro:

Art. 9º – É dever do jornalista: – Divulgar todos os fatos que sejam de interesse público; – Lutar pela liberdade de pensamento e expressão; – Defender o livre exercício da profissão; – Valorizar, honrar e dignificar a profissão; – Opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem; – Combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar a informação; – Respeitar o direito à privacidade do cidadão; – Prestigiar as entidades representativas e democráticas da categoria (ABI, 2025).

Portanto, a ética jornalística não se limita a um conjunto de regras, mas representa um compromisso com a verdade, a justiça e o interesse público. No contexto do MINIONU, os delegados do CINI devem encarnar esses princípios, assegurando que suas produções priorizem a apuração rigorosa, o equilíbrio narrativo e o respeito aos direitos humanos. Ao seguir o Código de Ética, os participantes não apenas simulam o papel de jornalistas, mas também exercitam a cidadania, reforçando a importância da imprensa como pilar da democracia. Assim, o CINI se torna um espaço de aprendizado que vai além das técnicas jornalísticas: é uma oportunidade para vivenciar a responsabilidade social da comunicação e seu poder na transformação da sociedade.

5.2 Gêneros jornalísticos

Os textos são produzidos a partir do conceito de tripé comunicativo, modelo interpretativo que visa que o texto cumpra sua função de forma eficaz, que se constitui por três dimensões. A primeira dimensão desse tripé é a comunicativa, onde o texto tem o intuito de transmitir uma mensagem entre os locutores e interlocutores, seja de maneira explícita ou implícita. A segunda é a dimensão pragmática, que está relacionada ao contexto, no qual um texto fora de seu ambiente de produção pode perder o sentido, já que fatores extralinguísticos influenciam diretamente na interpretação. Por fim, a terceira dimensão é a estrutural, que diz respeito à organização interna do texto. A coerência, escolha das palavras e construção lógica

das ideias são fundamentais para que a mensagem seja compreendida pelo interlocutor. Assim, nota-se que os textos, de acordo com a finalidade para a qual são produzidos, possuem suas próprias características estruturais e linguísticas (Alexopoulou, 2011).

Desse modo, os textos foram se agrupando em diferentes gêneros a partir desses elementos e da variedade de situações comunicativas. Esses gêneros podem ser classificados como gêneros orais (palestras, entrevistas e debates) e gêneros impressos (textos jornalísticos, literários, acadêmicos ou publicitários) (Farias, 2014). Nessa lógica, é abordada a seguir a explicação dos tipos textuais que serão trabalhados pelo CINI no MINIONU, sobretudo os mais relacionados ao gênero jornalístico.

5.2.1 Notícia

A notícia é um gênero essencialmente informativo. Seu objetivo é transmitir, com clareza e objetividade, acontecimentos considerados relevantes para o público. Desse modo, sua principal função consiste em manter o público informado sobre fatos de interesse coletivo, respeitando critérios como relevância, atualidade e veracidade. Por essa razão, sua linguagem tende a ser impessoal, concisa e desprovida de juízo de valor, buscando relatar os fatos com precisão e sem interferências subjetivas do jornalista.

A estrutura da notícia segue tradicionalmente o modelo da pirâmide invertida, em que as informações mais relevantes aparecem no início do texto. Seguidas por dados complementares e, na sequência, com detalhes menos importantes, essa organização tem o propósito de facilitar a leitura dinâmica e seletiva, uma característica marcante dos meios de comunicação contemporâneos. Tais informações permitem que o leitor compreenda o conteúdo essencial já nos primeiros parágrafos. A notícia é composta por elementos específicos: título, responsável por captar a atenção; subtítulo, que antecipa informações-chave; lead, onde se concentram os dados mais importantes — o quê, quem, quando, onde, porque e como; corpo do texto, no qual os fatos são desenvolvidos e contextualizados com maior profundidade; e, eventualmente, uma conclusão que sintetize os pontos principais (Gradim, 2000).

Figura 1: Pirâmide Invertida



Fonte: (Luciana Manfro, 2022)

Nesse contexto, o CINI adotará essa estrutura de notícia como ferramenta central para registrar e divulgar os principais acontecimentos das simulações, garantindo uma apresentação clara e acessível. Com base na estrutura da pirâmide invertida, os textos vão priorizar as informações mais importantes logo no início, facilitando a leitura e garantindo que o público tenha uma visão imediata dos fatos principais. Essa escolha não só contribui para a produção do Primal Times, mas também para conteúdo de outras plataformas, engajando o público e ampliando a comunicação.

Figura 2: Modelo de notícia Primal Times



Fonte: (Primal Times, 2025)

5.2.2 Reportagem

Ao contrário da notícia, que se caracteriza pela objetividade e precisão, a reportagem propõe uma abordagem mais interpretativa e aprofundada dos acontecimentos, buscando explorar os fatos com mais detalhes. Com isso, a construção da reportagem é mais elaborada, e demanda do jornalista não apenas a coleta precisa das informações, mas também a capacidade de construir uma narrativa coesa, que articule dados empíricos, depoimentos e elementos descritivos que ampliem a compreensão do tema abordado (Gradim, 2000).

A reportagem tem um aspecto fundamental: o compromisso com a contextualização dos fatos. A partir de um trabalho que envolve pesquisa de documentos, levantamento de estatísticas, entrevistas com especialistas e com os envolvidos na situação, e muitas vezes trabalho de campo, o jornalista busca construir um texto que vai além do simples registro do acontecimento. Em vez de apenas responder às perguntas básicas do lead (o quê, quem, onde, quando, por quê e como), a reportagem procura esclarecer as causas, consequências e conexões mais amplas do fato noticiado.

Assim, esse tipo de texto jornalístico se caracteriza por trazer múltiplos pontos de vista, equilibrando objetividade e subjetividade, e desempenhando um papel social que vai além da simples transmissão da informação: a de formar, sensibilizar e provocar reflexão no leitor (Gradim, 2000).

5.2.3 Entrevista

A entrevista é considerada um dos pilares do jornalismo, sendo baseada no contato entre o jornalista e uma fonte, com o objetivo de coletar informações, opiniões ou relatos que contribuam para a construção de uma narrativa jornalística. Nesse viés, a entrevista fornece a matéria-prima para praticamente todos os gêneros, porém, também é delimitado um sentido mais restrito para tal abordagem, que diz respeito à entrevista no formato pergunta-resposta, publicada como peça independente e voltada à exploração de personagens ou temas específicos (Gradim, 2000).

Esse tipo de entrevista requer um planejamento cuidadoso e um alto nível de preparo por parte do jornalista. As perguntas devem ser pertinentes e bem elaboradas, pois, ao serem transpostas para a forma escrita, qualquer falha se torna visível para o leitor. Além disso, é comum que esse gênero utilize recursos como o gravador, a fim de garantir a veracidade do conteúdo original. O lead, que introduz a entrevista, cumpre o papel de contextualizar o leitor, destacando a relevância do tema ou da personalidade entrevistada e fornecendo pistas sobre o tom e o cenário no qual a conversa ocorreu. Assim, o jornalista deve equilibrar técnica, sensibilidade e clareza para que a entrevista cumpra seu papel de informar, humanizar ou aprofundar os fatos com rigor e atratividade. Caso contrário, há o risco de a produção de um texto ser denso, pouco envolvente e com baixo potencial de recepção (Gradim, 2000).

5.2.4 Blog

O blog é um tipo textual que se caracteriza por ser mais livre e pessoal, não tendo uma estrutura fixa. Desse modo, as postagens realizadas permitem ao autor mesclar a própria opinião com informações. O blog cria um espaço onde o autor pode explorar temas de interesse próprio com um teor mais autêntico. Assim, essa flexibilidade torna o blog uma ferramenta eficaz para tratar de assuntos variados, mantendo o leitor engajado por meio de uma abordagem acessível (PUC-Rio, 2007).

Nesse viés, o blog será utilizado pelo CINI para informar aos participantes do MINIONU sobre temas variados de uma maneira mais leve e reflexiva. As postagens do blog permitirão que os delegados acompanhem o conteúdo de forma dinâmica e acessível, facilitando a conexão com os leitores e tornando os conteúdos mais cativantes, com textos que equilibram a análise e perspectiva dos autores. Posteriormente, isso possibilitará o debate de

temas relevantes para as simulações do MINIONU, promovendo a reflexão e a discussão entre os participantes.

Portanto, o blog contribuirá para a ampliação dos outros formatos de comunicação do comitê, possibilitando uma diversidade de temáticas. Dessa forma, o blog se apresenta como um recurso importante para fortalecer o engajamento dos leitores com os temas a serem discutidos no MINIONU, enriquecendo a experiência dos participantes.

5.3 Estrutura de uma notícia

5.3.1 *Lide*

A notícia possui elementos textuais próprios que a caracterizam como gênero, e um de seus principais elementos é o lide, ou “lead” em inglês. Ele é uma parte extremamente necessária e obrigatória em uma notícia, pois orienta o leitor e reúne, de forma resumida e direta, os principais pontos da informação noticiada. Ele consiste em um breve parágrafo posicionado logo após a manchete (título) e a linha fina (subtítulo), apresentando as informações centrais que serão desenvolvidas ao longo do texto.

Para compor um bom lide, é necessário responder, de forma clara e assertiva, às seguintes perguntas: “Quem?”, “O quê?”, “Quando?”, “Onde?”, “Como?” e “Por quê?”. As respostas devem estar em conformidade com os fatos narrados, mantendo fidelidade ao conteúdo e respeitando a coesão e o contexto da notícia.

5.3.2 *Corpo*

Conforme citado anteriormente, a notícia possui elementos que a formam como um gênero textual. Uma parte fundamental da notícia é o corpo do texto. O corpo de uma notícia vem após o lide, e serve precisamente para detalhar e desenvolver as informações iniciais. Ao longo da leitura, essa parte deve aprofundar os dados apresentados, mantendo as características típicas da linguagem jornalística: **impessoalidade, objetividade, precisão e simplicidade**. Deve-se garantir também que a abordagem dos fatos seja completa, coesa e fiel à realidade noticiada durante todo o desenvolvimento do texto.

5 O FOTOJORNALISMO

O que é fotojornalismo? Em um mundo digital e acelerado como o atual, qualquer pessoa pode registrar acontecimentos relevantes da atualidade. No entanto, isso não a torna, necessariamente, um fotojornalista. Fotojornalismo é uma prática profissional em que a comunicação ocorre por imagens. Por intermédio de suas fotografias, o fotojornalista expressa o significado de uma notícia e complementa a informação transmitida pela linguagem escrita. O principal objetivo é informar. (Lohnmann; Barros, 2012).

No século XIX, a fotografia surge como a transcrição da realidade para a imagem (Souza, 2000). Assim como o jornalismo, entendia-se que as fotos representavam a realidade como ela era, objetivamente, para o espectador. Porém, com o desenvolvimento da tecnologia e do campo fotográfico, o fotógrafo passa a representar aspectos da realidade que são do seu interesse, demonstrando a sua visão do mundo.

Um dos primeiros exemplos de fotojornalismo que temos são as fotografias de Roger Fenton durante a Guerra da Criméia (1854–1855) (Souza, 2000). Fenton registra a guerra de uma distância segura, sem tirar fotos explícitas dos feridos, das batalhas e da violência. Através de suas lentes, podemos ver o cotidiano dos soldados, as barricadas, os campos de batalha ao longe. Em contraste, durante a Guerra do Vietnã (1959–1975), o fotógrafo Nick Ut acompanha de perto a violência que o conflito trouxe e seus reflexos nos soldados e civis (O Globo, 2022). Sua foto “Napalm Girl” é uma das mais conhecidas do período, e demonstra os horrores das armas químicas.

Nas duas guerras, há uma cobertura fotojornalística, mas a reação do público a estas imagens é completamente diferente. Enquanto Fenton registra os aspectos cotidianos da Guerra da Criméia, podemos ver o conflito de uma forma distante, impessoal e informativa. Já com as fotografias de Ut, conseguimos ver as consequências da Guerra do Vietnã enquanto elas aconteciam, e o público absorveu a violência, o medo e o horror representados nas imagens, o que contribuiu para a opinião pública negativa e os protestos contra o conflito no Vietnã. Desta maneira, podemos ver como o fotojornalista tem um papel essencial em como formamos nossa visão de mundo, ao serem influenciadas pelas imagens que recebemos através de seus cliques.

Por fim, Sebastião Salgado, um dos mais conhecidos fotógrafos brasileiros, uma vez afirmou que as pessoas não fotografam com suas máquinas, mas com sua cultura (Forbes, 2025). Essa frase reflete como carregamos nosso olhar do mundo, nossos preconceitos, nossa formação cultural para tudo que registramos com nossa lente. Logo, as imagens que formam nosso repertório cultural têm sempre outros ângulos além do fotógrafo, e é importante prezar pela imparcialidade jornalística, mas compreender que sempre carregamos nossa construção da realidade para aquilo que vemos.

7 PRODUÇÕES MIDIÁTICAS DO CINI

7.1 Primal Times

O Primal Times é o veículo oficial de comunicação do Comitê de Imprensa do MINIONU. Com longa tradição no evento, o jornal se mantém como um dos principais meios de registrar, organizar e divulgar os acontecimentos que ocorrem durante os dias de simulação. Adaptado às novas dinâmicas do modelo, o Primal Times é atualmente publicado em formato digital, com edições disponibilizadas no site e nas plataformas virtuais do CINI.

Durante os dias de simulação, duplas de delegados assumem o papel de jornalistas e se dedicam à cobertura de comitês específicos. A cada dia, esses repórteres observam, fazem anotações, entrevistam participantes e constroem notícias que traduzem os principais acontecimentos do evento. Ao fim do dia, eles enviam o material escrito para revisão dos diretores do comitê, que depois passa pela edição textual, para enfim serem integradas ao jornal.

Além das notícias diárias, o Primal Times também pode incluir colunas especiais, editoriais e entrevistas, oferecendo uma visão mais ampla sobre o andamento da simulação. Para compor o jornal, imagens que acompanham as matérias são produzidas pelos fotógrafos do Comitê de Imprensa ou selecionadas conforme a temática abordada a fim de aumentar a capacidade comunicativa da notícia.

Figura 3: Capa Primal Times



Fonte: (Primal Times, 2025)

A atuação jornalística no Primal Times trespassa a simples função de relatar fatos. O jornal se destaca por ser um registro duradouro do que foi construído e discutido ao longo do MINIONU, preservando a memória do evento, estimulando a análise crítica e assegurando espaço para diferentes perspectivas na simulação.

7.2 O Café com Foca

Criado com o propósito de aproximar os delegados dos temas que serão discutidos nos comitês, o Café com Foca é o podcast oficial do comitê do MINIONU. Tem como intuito oferecer aos participantes uma introdução acessível e informativa aos tópicos centrais da simulação, auxiliando-os a se familiarizarem com seus comitês, compreender melhor os contextos internacionais envolvidos e se preparar de forma mais completa para os dias de evento.

Neste ano, o Café com Foca ganha um novo formato, com uma roda de conversa e interação entre os comitês. Em vez de episódios explicativos tradicionais, cada edição reunirá diretores e/ou diretores assistentes de diferentes comitês para discutir os temas que estão sendo

trabalhados em suas simulações. Essa troca direta de perspectivas irá enriquecer o debate e reforçar a interdisciplinaridade presente no MINIONU.

Além disso, essa edição contará com a presença de convidados acadêmicos, que contribuirão com análises e reflexões sobre os assuntos abordados, oferecendo uma base mais sólida e aprofundada às discussões. Sua presença visa conectar a experiência da simulação com o universo acadêmico, aproximando teoria e prática.

Dessa forma, o Café com Foca mantém sua essência como ferramenta de preparação e engajamento, agora ampliando seu potencial como espaço de diálogo e aprendizado coletivo. Ao ouvir o podcast, os delegados terão a oportunidade de conhecer melhor o tema do seu comitê e também de refletir sobre os desafios globais de forma crítica e colaborativa.

7.3 O blog

O blog do CINI é mais uma ferramenta de comunicação que visa ampliar o acesso à informação durante e além dos dias de simulação. Além de relatar os acontecimentos do MINIONU, ele cria um espaço de reflexão sobre temas relevantes do jornalismo e da comunicação, aproximando os delegados tanto dos bastidores do evento quanto das discussões contemporâneas da área.

Ao longo da programação, o blog se transforma em uma plataforma dinâmica de conteúdo, contendo entrevistas, análises, textos opinativos e matérias especiais que ajudam a acompanhar o desenvolvimento dos comitês e a aprofundar os debates, além de contribuir para uma formação de opiniões mais críticas e conscientes. Assim, ele enriquece e abre espaço para a reflexão sobre os temas em pauta e participação ativa da experiência proposta pelo evento.

7.4 O Instagram

O Instagram é outro canal de divulgação e interação do Comitê de Imprensa com o público do MINIONU. Por meio de postagens dinâmicas e visualmente atrativas, a plataforma oferece atualizações em tempo real sobre o andamento das simulações e conteúdo que ampliam o olhar dos seguidores para além dos comitês.

Atuando desde o período pré-evento, a rede social se destaca como uma plataforma essencial para conectar os delegados aos comitês e aos temas que serão debatidos. Com cortes de vídeos (principalmente do podcast “Café com Foca”), publicações informativas e conteúdos cuidadosamente planejados, o perfil antecipa discussões e transmite, de forma acessível e

engajadora, os objetivos e a proposta de cada comitê. Dessa forma, ele promove uma aproximação significativa com os assuntos que estarão em pauta durante o evento.

Ao longo dos dias de simulação, o Instagram do CINI se transforma em um espaço de cobertura ao vivo. Por meio de suas ferramentas, são compartilhados bastidores, momentos marcantes, registros fotográficos, entrevistas e interações. Além disso, o CINI conta com o “Primal Tv”, publicado no fim de cada dia de simulação e funcionando como uma chamada aos temas debatidos. Seu propósito é de informar brevemente os acontecimentos do dia e incentivar a leitura do Primal Times, que contém os registros diários e oficiais.

Essa presença constante, portanto, reforça a conexão com o público e amplia o envolvimento dos participantes com a experiência do MINIONU de forma acessível e de fácil entendimento.

7.5 A cobertura fotográfica

Com um evento tão grande e significativo como o MINIONU, é imprescindível registrar cada momento a fim de guardar as recordações e eternizar os temas debatidos e todas as participações. A cobertura fotográfica do CINI visa documentar de forma clara e organizada as atividades do dia de simulação. Por meio de textos jornalísticos e registros visuais, a equipe do CINI acompanha os comitês e produz conteúdo que informa e organiza os principais acontecimentos da simulação.

Durante o evento, repórteres cobrem os debates e produzem matérias que serão publicadas no Primal Times. Paralelamente, fotógrafos são responsáveis por captar imagens dos comitês e da rotina da simulação. Além disso, a cobertura fotográfica é responsável pelas fotos oficiais dos membros de cada comitê, juntamente com todos os participantes da nova edição. Esse material é utilizado nas redes sociais do projeto, como o Instagram, e também serve como acervo para futuras edições do evento. É válido lembrar que os delegados do CINI têm função exclusiva da escrita de notícia, não participando das produções audiovisuais.

A cobertura jornalística e fotográfica é, assim, uma ferramenta essencial para garantir a organização, a divulgação e o registro das atividades desse grande projeto, cumprindo sua função informativa e documental.

REFERÊNCIAS

- AGGIO, Camilo de O; FREITAS, Viviane G; MENDONÇA, Ricardo F.; SANTOS, Nina F. Fake news e o Repertório Contemporâneo de Ação Política. **Artigos Originais**, Rio de Janeiro, vol. 66, n. 2, p.-33, 2023.
- ALEXOPOULOU, Angélica. El enfoque basado en los géneros textuales y la evaluación de la competencia discursiva. **Universidad Nacional y Kapodistriaca de Atenas**, Atenas, [20--?].
- AMARAL, Lilian de A. **A influência da mídia na política externa de países**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/1992/1/2011_LiliandeAndradeAmaral.pdf> Acesso em 1.mai.2025>
- AMARAL, Roberto. Imprensa e Controle da opinião pública (informação e representação popular no mundo globalizado). **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, n.148, p.197-218, dez. 2000.
- ARAÚJO, Felipe de M; BUENO, Marcos F; SOUZA, Giovanna R. **A influência das fake news nos processos eleitorais do Brasil e Estados Unidos**. Universidade Mackenzie, [S.l], 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros** | ABI. 2025. Disponível em: <https://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/> Acesso em: 30 abr. 2025.
- ASSUNÇÃO, Danillo. A mídia e a construção da realidade. **Observatório da Imprensa** - Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 6 nov. 2007. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/a_midia_e_a_construcao_da_realidade/ Acesso em: 02 mai. 2025.
- BUENO, Magali Franco. **O imaginário sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do estado, dos livros didáticos de geografia e da mídia impressa**. USP: São Paulo, 2002.
- CÁSSIO GOMES DOS SANTO, Marlon. **Língua Portuguesa – Gêneros jornalísticos: a notícia – Conexão Escola SME**. Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/lingua-portuguesa-generos-jornalisticos-a-noticia/ . Acesso em: 6 maio 2025.
- CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CRUZ, Felipe Matheus. **O impacto das fake news nas eleições**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2024. Disponível em<[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/255750/Os%20impactos%20das%](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/255750/Os%20impactos%20das%20fake%20news%20nas%20eleicoes)

20Fake%20News%20nas%20elei%c3%a7%c3%b5es%20-%20TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 1.mai.2025.

DARNTON, Robert. **A verdadeira história das notícias falsas**. El País, [S.l], 30 abr. 2017. Cultura. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html> Acesso em: 1.mai.2025.

FARIAS, Andressa. **Material impresso e gêneros textuais**. 2. ed. rev. – Florianópolis: IFSC, 2013.

Forbes Brasil. Além das Fotografias: 10 Frases Que Sebastião Salgado Deixa Como Legado. Disponível em: <https://forbes.com.br/carreira/2025/05/alem-das-fotografias-10-frases-que-sebastiao-salgado-deixa-como-legado/?amp> Acesso em: 26 jun. 2025.

FOTOJORNALISMO: entenda o que é e saiba mais sobre a profissão. **G1**, Distrito Federal, 06 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/03/06/fotojornalismo-entenda-o-que-e-e-saiba-mais-sobre-a-profissao.ghtml>. Acesso em: 28 de Abril, 2025.

GRADIM, Anabela. **Manual de Jornalismo**. 1º ed. Universidade da Beira Interior, 2000.

GUEDES, Aline. Para brasileiros, notícias falsas impactam eleições, revela DataSenado. **Senado Notícias**, [S.l], 28 out. 2024. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/08/23/para-brasileiros-noticias-falsas-impactam-eleicoes-revela-datasenado>> Acesso em: 1.mai.2025

GUERRA, Josenildo Luiz. Neutralidade e imparcialidade no jornalismo: da teoria do conhecimento à teoria ética. **Universidade Federal de Sergipe**, [S.l], [20--?]. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/07f68ff516fcf5aca65a97a7910910c1.PDF>. Acesso em: 30 abr. 2025.

IVES, Diogo. O papel da imprensa na política externa do Brasil: a interpretação teórica de Samuel Pinheiro Guimarães e as percepções dos chanceleres da PEI e da PEAA. **Oikos**, Rio de Janeiro, v 23, n.1, p.49-61, 2024. Acesso em: 1.mai.2025.

JORNAIS: Breve História. **Associação Nacional de Jornalistas**, [S.l], 28 mai. 2020. Disponível em: <https://www.anj.org.br/breve-historia/> . Acesso em: 6 maio 2025.

LOHMANN, Renata; BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **A objetividade no fotojornalismo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/288138/000859328.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 de abril, 2025.

MÍDIAS sociais e jornalismo: os perigos da desinformação. **UFJF Notícias**, Juiz de Fora, 30 jun. 2023. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2023/06/30/midias-sociais-e-jornalismo-os-perigos-da-desinformacao/>> Acesso em: 1.mai.2025.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 25, n. 73, p. 59-74, jun. 2010.

O Globo. 'Garota Napalm': Como está a menina da foto que virou símbolo da Guerra do Vietnã, há 50 anos. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-doacervo/post/2022/06/garota-napalm-como-esta-menina-da-foto-que-viceu-simbolo-da-guerrado-vietna-ha-50-anos.ghml>. Acesso em: 05 jun. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Promoting and safeguarding the right to freedom of opinion and expression. **Resolução A/RES/68/163**. Nova York, 2013.

PEREIRA, Silvana C. Santos. Formação do jornalista e leitura crítica do jornal. **Simpósio de Pesquisa em Comunicação do Centro-Oeste**, 2000.

Pinheiro Guimarães, Samuel (2006). Desafios brasileiros na era dos gigantes. Rio de Janeiro, Contraponto.

PUC Rio. **Um outro jeito de fazer jornalismo?** Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10608/10608_3.PDF Acesso em: 30 abr. 2024.

RUBIN, Nani. Fotojornalismo na mira do IMS. **Instituto Moreira Salles**, [S.l], 26 maio 2022. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervo/o-fotojornalismo-na-mira-do-ims-por-nani-rubin/>. Acesso em: 28 de abril, 2025.

SCHUDSON, Michael. **The Sociology of News**. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história crítica do fotojornalismo ocidental. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

UNESCO. **World Trends in Freedom of Expression and Media Development: Global Report 2021/2022 – Journalism as a Public Good**. Paris: UNESCO, 2022. Disponível em: <https://www.unesco.org>. Acesso em: 26 jun. 2025.